

Pataxós só lembram matança dos brancos

Ronaldo Braga

Pau Brasil/BA — Delfim Vieira

Pau-Brasil, BA — Perseguições, matanças e muitas mentiras por parte dos brancos. Esse é o passado contado pelos índios mais velhos da comunidade pataxós — ha-ha-hae, que, desde abril, retornaram à Reserva Indígena Paraguaçu-Garamuru, no município de Pau-Pau-Brasil, no Sul da Bahia. São pessoas cansadas, marcadas pela vida e que vivem num total estado de pobreza. Espalhados numa área de 1 mil 500 hectares, os índios pataxós, pela primeira vez, acreditam que a vida vai ser favorável à comunidade. E, para eles, a razão é muito simples: ali nasceram e ali pretendem morrer. Não existe outro lugar.

Dentro dessa comunidade, com aproximadamente 600 índios, existe um líder, escolhido como cacique pela coragem, força e inteligência. Saracura (pá-sa-ro de brejo), de 39 anos, que em nenhum momento larga sua borduna, uma arma feita com a madeira tapeicuru, de grande peso, pontuda e capaz de matar uma pessoa num só golpe. Saracura — o Nelson, como é chamado pelos brancos — é a nova imagem dos índios pataxós, uma comunidade nova — cerca de 70% da tribo são de pessoas jovens, grande parte de crianças — que só pensa em trabalhar a terra para que seus filhos tenham tranqüilidade de viver, contrário de seus antepassados, que só conheceram o medo e as mentiras.

Mentiras

O primeiro contato, obrigatoriamente, na comunidade dos pataxós, é com brancos. Funcionários da Funai e agentes da Polícia Federal são as primeiras pessoas que aparecem no portão principal da reserva indígena, que para os fazendeiros é a chamada Fazenda São Lucas. Distantes quatro quilômetros do Centro de Pau Brasil, numa estrada de terra, os índios desconfiam de qualquer visita e, nos últimos meses, a comunidade só vem mantendo contatos com pessoas ligadas à imprensa. Para eles, a função dos jornais e da TV é mostrar "a verdade" e, por causa disso, não se sentem envergonhados e a receptividade é muito boa. Eles gostam.

Toda a região está seca e algumas barracas de campanha são vistas espalhadas pela comunidade. Desconfiados, mas calejados, os funcionários da Funai mostram a sede da fundação, onde duas bandeiras — uma brasileira e outra do órgão — tremulam num dos pontos mais altos da reserva. O movimento dos índios pataxós é bem pequeno, já que, com o calor de quase 42 graus, poucos indígenas se aventuram a abandonar suas barracas. Crianças e mulheres aproveitam a pequena represa para lavar seus pertences e, mesmo com a água um pouco barrenta, o mergulho é considerado obrigatório, o que representa para as crianças uma festa.

Ninguém fala antes da Saracura. Sua barraca, de nove metros quadrados, é igual às outras. No princípio, ficou meio desconfiado com a equipe do JB, mas logo pegou confiança.

Índios quando gostam de uma pessoa, é para sempre. Mas não pode existir a mentira. Perde a amizade — diz. Sua primeira providência foi pegar a borduna: "Não saio sem ela."

Ele iniciou a conversa falando da transferência de sua comunidade para Almada, em Ilhéus:

— Aquela terra — conta — não servia nem para plantar abacaxi. Caso alguém plantasse, ele saía amargo. Aqui, não. A terra é boa e todos os índios pataxós vão lucrar. Terra boa, colheita boa.

Saracura relembra "as promessas que o Sr Antônio Carlos Magalhães fez antes das eleições":

— Ele prometeu caminhões para meus irmãos trabalharem, água encanada, barco a motor, boas casas e Cr\$ 25 mil toda a semana. Nós fomos porque pensávamos que, durante esse tempo, nossa situação aqui em Pau Brasil seria resolvida; mas passou o tempo e nada. Não nos deram nada. Só mentiras. Minha gente começou a ficar doente e, em menos de uma semana, quase todos estavam de cama. Não nos deram nada. A terra lá não prestava para nada. Só tinha guaiamum.

Enquanto Saracura conta suas histórias, ele caminha para uma plantação de cacau, que "minha comunidade plantou para nossa sobrevivência. Agora, vêm os fazendeiros e dizem que isso pertence a eles". Saracura relembra o pouco tempo que sua comunidade ficou em Almada.

— Duas crianças morreram lá. A Funai foi quem nos ajudou.

Todo índio que passa por Saracura faz questão de cumprimentá-lo e não é para menos, já que ele é o grande líder da reserva. Bastante revoltado com os brancos — "Não tenho mais confiança nos brancos" — Saracura

pede que os jornalistas ouçam os velhos, "que têm muitas histórias tristes para contar e que são verdadeiras".

Sofrimento

Logo depois do primeiro contato com Saracura, os índios pataxós vão se aproximando e começam a contar suas histórias, muitas delas tristes e marcadas pela violência de fazendeiros que ocuparam no passado — Saracura diz que os fazendeiros atuais também praticaram violências — a reserva. Em todas as barracas visitadas a imagem é a mesma: crianças com barrigas de verme, pouca água, nenhum conforto e comida racionada. Alguns indígenas dormem no chão e, durante a noite, o frio não parece atingir a pequena nação dos pataxós, já acostumados com outros tipos de violência. O frio não incomoda — "Vem da natureza e, se vem dela, não prejudica" — faz parte de suas vidas. Não existem agasalhos e as poucas vestimentas que possuem já estão rasgadas e bastante sujas. É uma comunidade acostumada com o sofrimento.

Algumas famílias estão abrigadas em casas de estuque e a desolação é a mesma. Não existem cadeiras ou outro tipo de objeto. São pedaços grandes de madeira que servem como assento e, nas poucas panelas que possuem, fazem diariamente um arroz que nunca é catado para não diminuir a quantidade. Os funcionários da Funai não souberam dizer qual a quantidade de comida e quanto o órgão vem gastando na região para alimentar a comunidade dos pataxós, mas uma coisa é certa: bebida alcoólica não entra na reserva indígena.

Mesmo com todas as dificuldades e tensões, pode-se dizer que a comunidade dos pataxós está feliz: feliz porque os indígenas têm esperanças de ficar na área, de plantar e colher. Feliz porque os filhos dos índios mais velhos poderão trabalhar na região para que seus filhos possam usufruir o esforço de seus pais. Feliz porque todos estão juntos e, com isso, "as dificuldades serão superadas por uma força bem maior". E essa força, para os índios, é a mesma para alguns brancos:

— Deus vai olhar para as injustiças que estamos sofrendo há vários anos — disse Saracura.

Mas essa felicidade pode se transformar em mais sofrimento, como diz o líder da comunidade:

— Não temos armas. Só temos armas de índios, feitas para pesca e caçar. Mas uma coisa todos podem ter certeza. Não vou revelar o segredo de nossa defesa. Tem muita mata por aí e quem entrar nela pode não sair.

Apesar de todo o esforço da Funai junto à comunidade, os pataxós — ha-ha-hae — o segundo nome significa, de acordo com Saracura, que são "irmãos da comunidade e que vivem em outras regiões, lembrando os pataxós de Porto Seguro — reconhecem que falta muita coisa na reserva indígena para que todos tenham oportunidade de ter uma vida melhor.

Em todos os contatos, velhos, novos e crianças afirmam que esperam uma oportunidade para começar a trabalhar na região. Toda e qualquer saída dos índios pataxós da área é feita pela Polícia Federal, em grande parte dos casos para levar pessoas doentes e que precisam de tratamento mais cuidadoso. A parte de saúde da comunidade está por conta do Sr Valdemar, médico que chegou à região há poucos meses. Junto com a equipe da Funai, trabalham ainda uma enfermeira e outros funcionários e os mais destacados na comunidade são Marcos, Botelho e Cláudio. Para toda e qualquer ajuda que os pataxós precisam, os três são consultados.

Nova imagem

Uma coisa fica visível na reserva dos pataxós — ha-ha-hae: a grande maioria é jovem e a imagem de seu líder Saracura representa, além da juventude, idéias novas e opiniões formadas sobre o problema indígena em todo o País. São índios que conhecem os homens de olhos grandes, "que quanto mais têm, mais querem", como profetiza Saracura.

Ninguém vendeu nada, nem alugou. Não existem esses documentos que provem que os invasores somos nós. A reserva é nossa e de nossos ancestrais. Os invasores são essas pessoas que não se contentam com tudo; querem o pouco que as outras pessoas possuem.

Um dos raros momentos de lazer e tranqüilidade na aldeia dos pataxós é quando os índios menores jogam uma pelada dentro de um curral na área da comunidade. Ali, as crianças se esquecem um pouco dos problemas dos mais velhos e tentam virar ídolos de um esporte que mesmo dentro de uma aldeia indígena é praticado com todo o vigor. Bens? A comunidade tem 44 cavalos e 45 vacas.

PM reforça a segurança na área conflitada

A Secretaria de Segurança Pública da Bahia enviou, ontem, à localidade de Pau-Brasil, no Sul da Bahia, um reforço de 70 homens da Polícia Militar de Ilhéus. Apesar do novo prazo pedido pela Justiça — que poderá ser concedido entre 5 e 7 de janeiro pelo Juiz da 2ª Vara Federal de Salvador, já que o Estado da Bahia não apresentou defesa no caso dos pataxós e dos fazendeiros — o ambiente na localidade de Pau-Brasil é de tranqüilidade.

Na reserva Paraguaçu-Caramuru, os índios pataxós receberam um carro-pipa do Corpo de Bombeiros de Ilhéus para abastecer a reserva de água potável. Alguns índios não gostaram do pedido de novo prazo, como disse o cacique Saracura, mas continuarão a respeitar a Justiça até o final. A Polícia Federal da Bahia reforçou o policiamento na aldeia indígena, mas a medida foi considerada preventiva.

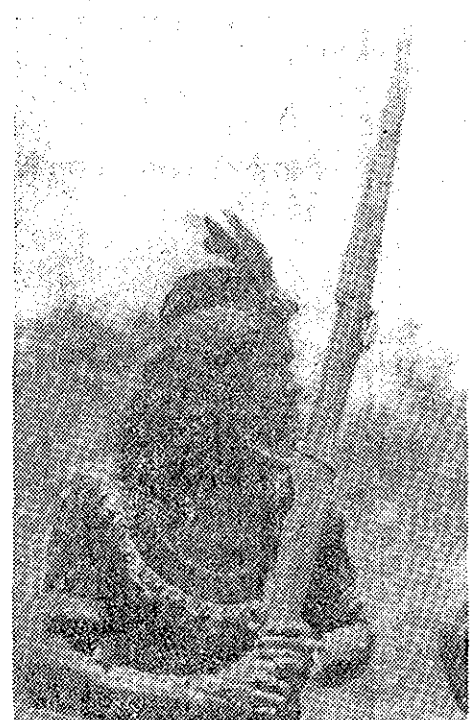
Uma terra cobiçada por dois lados. O adiamento da decisão na Justiça poderá causar mais tensões na comunidade dos pataxós e na população de Pau-Brasil. O que se está decidindo, atualmente, na Justiça é a liminar da juíza federal de Brasília, que recolocou os índios pataxós-ha-ha-hae em suas terras de origem. Liminar que acabou sendo suspensa no início do mês pelo Presidente do Tribunal Federal de Recursos, Ministro Jarbas Nobre.

A Funai gostou da decisão porque, com isso, um acordo poderá ser feito para que todos fiquem satisfeitos. Esse acordo dependerá dos números. Os pataxós e a Funai garantem que a área da reserva é de 36 mil hectares. Atualmente, a comunidade indígena ocupa só 1 mil 500 hectares e um acordo está sendo feito para que os índios fiquem pelo menos com 6 mil 500 hectares, o que os fazendeiros não querem. Pelo lado dos índios, são visíveis a pobreza e os sofrimentos. Do outro lado, os fazendeiros reclamam dos prejuízos do Município de Pau-Brasil, já que os donos de terras não estão mais conseguindo empréstimos dos bancos, até que seja tomada uma decisão final. De qualquer maneira, a demora na decisão está prejudicando os dois lados.

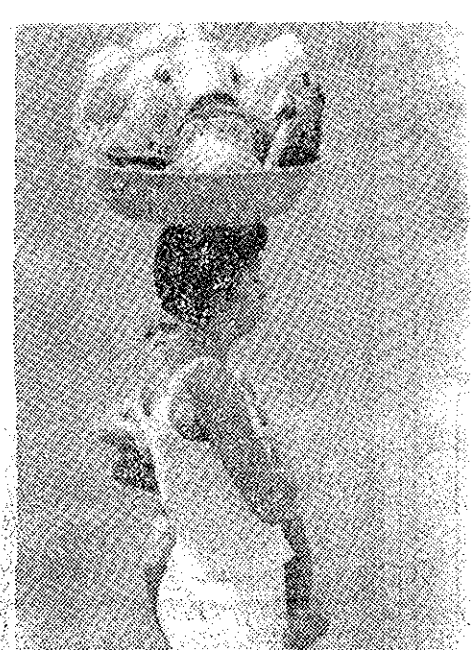
Pau Brasil/BA—Fotos de Delfim Vieira



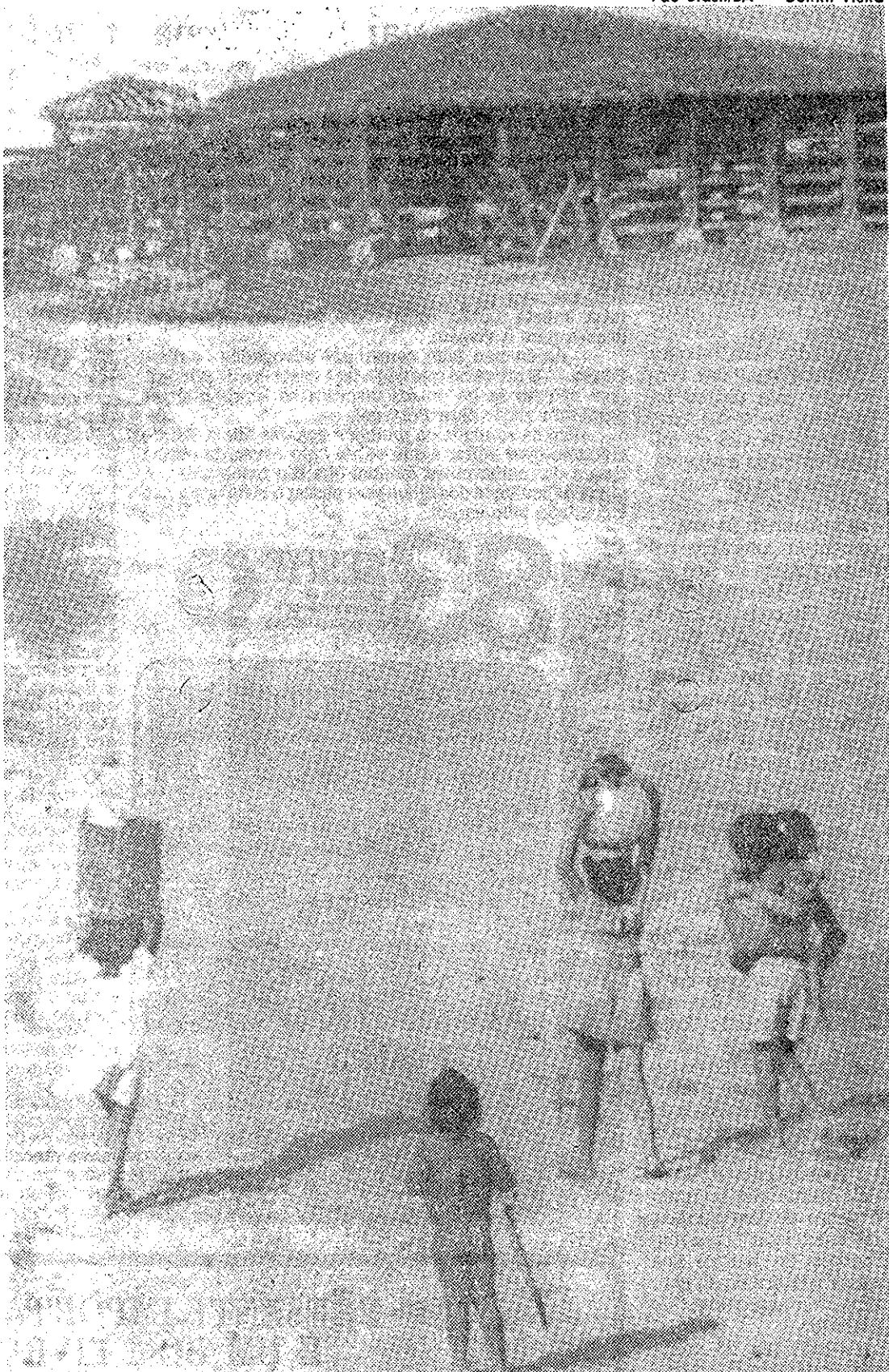
Samado é a memória da tribo



Saracura e sua borduna



A limpeza não é esquecida



Sempre trabalhando, o pataxó se integra na comunidade desde menino

Aratimbó e Timborá: um será cacique

Sentado num pequeno toco de árvore, colocado dentro de sua casa feita de barro, o velho índio Samado relembra os sofrimentos que passou juntamente com a comunidade pataxós. "Minha idade? Não sei. Perdi a conta, mas posso contar várias histórias de nosso povo que darlam um belo livro. Nossa conversa demorará muitas noites" — diz o velho cacique, ao mesmo tempo em que prepara um cigarro de fumo molhado.

Ele foi um dos poucos índios que não foram para Almada. "Fiquei aqui porque aqui é o meu lugar. Não existe mais fuga. Agora é permanecer na terra que sempre nos pertenceu". Logo cercado por várias crianças indígenas, que gostam de suas histórias, Samado em toda a conversa não esquece das perseguições que sofreu por parte dos "jaguços dos fazendeiros da região".

Fome

Os pataxós estão morrendo de fome. Todos do Governo sabem disso. Eles têm de liberar a terra. Não existe outro meio para trazer tranqüilidade para o nosso povo.

Samado, com a pele enrugada pelo sol, tem a aparência de uma pessoa muito velha mas, quando fala, suas palavras parecem de um menino novo, que, na adolescência, faz planos para o futuro.

O grande conselheiro da comunidade diz que, logo após ser expulso da região de Pau-Brasil, quando fazendeiros destruíram sua casa e suas plantações, ele retornou para Minas Gerais, onde sofreu novas perseguições, sendo acusado mais tarde de pistoleiro, assaltante e "desonrador".

— Nunca fiz mal a ninguém e mesmo assim — conta Samado — fiquei preso quase 30 dias. Fui processado e, como eles, os fazendeiros, não conseguiram provas contra mim, pessoa, fui solto. Retornei à terra, que é aqui. Continuaram as perseguições. Agora, os brancos dizem que estão decidindo na Justiça os nossos direitos. Estou preocupado.

Entre um pigarro e outro, Samado conta histórias em que ele mesmo se perde ao lembrá-las. Mas sua consciência não esquece as mortes que apresentou no passado.

Saracura vira o rosto. Ele não suporta ver sua avó, Salastriana, com cerca de 90 anos — considerada uma das mulheres mais velhas da comunidade — chorar quando lembra os maus momentos que passou na reserva indígena "Meu marido e meu filho morreram aqui. Nessas terras.

Será que não teremos paz? Só perseguições? — a voz de Salastriana fica embargada novamente e o choro sai espontâneo.

A índia mais velha da comunidade conta que tinha uma pequena casa na região do Rio Torim, onde criou seus quatro filhos. "No passado, a reserva era muito bonita. Florestas, caça e muita pesca. Os tempos passaram e as perseguições começaram. Meu filho doente na cama e eu me escondendo dentro do mato para não ser morta pelos fazendeiros. Eu nunca roubei e nunca matei. Por que tantas perseguições? Não entendo. Só queremos a paz".

Mais histórias

A conversa com a índia Salastriana não demora muito. Ela não suporta ficar lembrando "os sofrimentos que passamos". Saracura sai da casa de Salastrina e logo depois apresenta seu pai, Ursulino, o ex-cacique, que tem "grandes saudades do tempo do Marechal Rondon".

— Esse, sim, era um homem bom com os índios — diz Ursulino. — Não são todos os homens brancos que são orgulhosos. Tenho confiança em Deus e, depois, nas autoridades; nem todas, só algumas.

Com 70 anos, mas com aparência de um homem de 40, o pai de Saracura é considerado também o grande conselheiro da comunidade.

— Meu filho tem força e sabedoria para levar nossa comunidade à paz. Estou cansado também de tantos sofrimentos e mortes. Eu vi o meu primo Manoel, o Roque, levar um tiro na testa e sair por trás. Morreu do meu lado. Foram os jaguços. Ele está enterrado lá em cima — Ursulino aponta para a região de Mundo Novo. — Não compreendo como esses fazendeiros estão dizendo que nossas terras são deles. Como eles conseguiram legalizar uma coisa ilegal? Sempre vivemos aqui com nossos esforços.

Ursulino está cansado de repetir a mesma história, constantemente ouvida pelos seus 10 filhos e seis netos.

— Eles gostam. É a nossa verdade, sem mentiras de brancos.

Casos como o de Samado, Salastriana e Ursulino são comuns nas conversas com os índios mais velhos dos pataxós. Todos querem colaborar "na notícia" e, Desidéria, de 89 anos, viúva, com cinco filhos; Nico Argemiro, que teve sua casa queimada pelos fazendeiros; e Bite, de 45 anos, contam também suas histórias, bem parecidas com as dos outros mais velhos: destruição, mortes e perseguições.

Saga do mais velho atrai meninos

Aratimbó, nove anos; Timborá, oito; e Tatuc, quatro anos. Um deles será o substituto no futuro, de Saracura, o grande líder da comunidade dos pataxós. Filhos da primeira mulher do cacique, eles acompanham de perto as atividades do pai na reserva Paraguaçu-Caramuru. É impossível ver Saracura sem a sua borduna, que ostenta com muito orgulho. A política de Nelson é considerada muito simples por ele: confia que a Justiça não esqueça de sua comunidade, mas a permanência dos pataxós na área é coisa certa. "Ninguém sai daqui".

Tudo o contato com Saracura é tranqüilo. Ele não esconde sua decepção "com as autoridades, principalmente com o Governador da Bahia, Seu Antônio Carlos Magalhães". Acusa, também, o antigo SPI (Serviço de Proteção ao Índio), sempre citado nas conversas dos pataxós mais velhos. Saracura tem um caminho para sua comunidade e a morte não o assusta. "Todos terão um outro chefe e sei que ele também escolherá o mesmo caminho para o nosso povo".

Agilidade

Cor de chocolate, forte e um pouco baixo — tem cerca de 1,65m — Saracura caminha rápido entre a relva queimada da reserva indígena. Mostra com orgulho seus três filhos e pede aos

jornalistas que façam algumas fotos deles vestidos como seus antepassados. Eles vestem suas tupaiais (saías feitas de palha de coco de pindoba que servem para cobrir a parte de baixo do corpo) e sérios, olham para a máquina fotográfica.

— O que faço aqui — diz — é para nossos filhos. Os velhos agora estão incapacitados de trabalhar. Nós temos que trabalhar na terra. Eles já sofreram muito e chegou a nossa vez de dar a nossa contribuição. Da pena ver nossos pais, velhos e cansados, ainda afilados por causa de uma moradia. Só contam tristezas.

Filho de Ursulino — o grande cacique, de quase 80 anos — Saracura lembra várias mortes entre seu povo e não esconde uma revolta contra o fazendeiro Gener Pereira da Rocha — um dos que reclamam as terras retomadas pelos pataxós:

— Esse homem já matou muitas pessoas do meu povo. Não foi só ele, tem outros. O Pedro Leite é outro. Os jaguços perseguiram velhos e crianças e posso mostrar, aqui na região — conta Saracura — várias sepulturas de índios mortos.

O local lembrado pelo líder dos pataxós é chamado Mundo Novo, onde, no passado, fazendeiros não mediam suas ações, queimando cabanas e matando os antigos índios da comunidade.